

A ascensão de nacionalismos e a influência desta na reconfiguração da balança de poder mundial; o caso dos EUA de Trump.

Autor: Manuel Hermeto Vasconcelos Junior¹

Resumo

O Artigo buscou tratar dos pontos principais da contextualização histórica e da ascensão de nacionalismos no século XXI em certas áreas do globo; quando pautas sociais conservadoras têm se aviltado em diferentes países, como na França, Alemanha, Áustria, Israel, Hungria, seja na eleição de chefes de estado ou de governo seja na composição dos parlamentos. A pesquisa teve foco sobre os principais conceitos e relações factuais elencados na literatura especializada sobre o tema, especialmente no que tange aos aumentos recentes dos nacionalismos e da disputa por proeminência de lideranças regionais e globais no tabuleiro geopolítico internacional. A análise partiu dos objetivos gerais de política externa da administração Trump nos EUA de 2017 a 2020, em que a força nacionalista foi responsável por um verdadeiro reajustamento das cadeias geopolíticas globais, reduzindo o poder relativo de influência dos EUA, em um aparente paradoxo com aquilo que as posturas nacionalistas tanto defendem (aumento de poder).

Palavras-chave: Nacionalismo, EUA, Trump, século XXI

Pontos Relevantes:

I. Principais conceitos e relações factuais elencados na literatura sobre o tema.

II. Aviltamento recente dos Nacionalismo e das lideranças: regionais (i) e globais(ii) no tabuleiro geopolítico internacional

III. Objetivos gerais da Política Externa da Administração Trump de 2017-2020.

Summary

The theme sought to address the main points of historical contextualization and the rise of nationalism in the 21st century around the world; when conservative social agendas debased in different regions, such as in France, Germany, Austria, Israel, Hungary, whether in the election of heads of state government or the composition of parliaments. The research focused

¹ Servidor Público da União; Bacharel em Direito e em Relações Internacionais, Curso Superior em Gestão de Segurança Pública; pesquisador nas áreas de História do Brasil, História Mundial, Política Internacional, Economia, Geografia e Direito Internacional. otefis.dcc@gmail.com (61-982744890).

on the main concepts and factual relationships listed in the specialized literature on the subject, especially with regard to the recent debasement of nationalisms and regional and global leadership in the international geopolitical guide. The analysis starts from the general foreign policy objectives of the Trump administration in the U.S. from 2017 to 2020, in which the nationalist force was responsible for a true readjustment of global geopolitical chains, reducing the relative power of influence of the US, in an apparent paradox with what nationalist postures so much advocate (increase in power).

Palavras-chave: Nationalism, USA, Trump, 21th century

Introdução

A ascensão nacionalista, encampada nos últimos anos em diferentes partes do globo, está provocando uma relativa reconfiguração da balança de poder mundial, à medida que a liderança dos meios multilaterais e de cooperação é relativizada por países como os EUA, e novos atores assumem a gestão de processos geopolíticos em áreas tradicionais como o Oriente Médio (Rússia na Síria) ou Sudeste Asiático (China encampando processo multilateral de comércio –RCEP²).

A eleição de Donald Trump, em 2016, nos EUA, talvez, seja um dos principais símbolos desse movimento. O presidente americano capitaneou a liderança de uma pauta conservadora-nacionalista (bandeiras de sua campanha) e ao assumir a gestão de uma das principais potências globais, o tema nacionalista, automaticamente, ganhou força e eco pelo mundo. Sob a marca “America First”, Trump voltou seu capital político para demandas internas de certos grupos da sociedade estadunidense ou agiu de modo bem parcial em demandas externas. Isso gerou afastamento da liderança daquele país em algumas controvérsias chaves (posicionamento pró-judaico na questão israelo-palestina, retirada de tropas do Afeganistão e da Síria etc) do tabuleiro geopolítico internacional, aumentando o papel já protagonista de atores internacionais como Rússia, China, Turquia e, por algumas vezes, França, nesses cenários.

² The Regional Comprehensive Economic Partnership (**RCEP**; /'ɑ:rsep/ AR-sep) is a free trade agreement first initiated by Indonesia between the Asia-Pacific nations of Australia, Brunei, Cambodia, China, Indonesia, Japan, Laos, Malaysia, Myanmar, New Zealand, the Philippines, Singapore, South Korea, Thailand, and Vietnam.

Esse afastamento deveu-se, principalmente, ao esforço norte-americano direcionado para as políticas internas, e a postura ‘soma-zero na política externa’³, por vezes prolatada com desígnios de confrontação e rispidez, quase incomuns a postura diplomática dos EUA. Procedimento tal que afasta aliados tradicionais americanos, além de retirar Washington de mesas de negociações geopoliticamente relevantes, como a Guerra na Síria ou a questão de Nagorno-Karabakh⁴. Nesse sentido, está havendo: uma presença maior da Rússia e da Turquia em disputas no mundo árabe e no Mediterrâneo, como na Crimeia ou mesmo na Guerra Civil da Líbia⁵; uma presença econômica e militar chinesa na África e no Leste asiático; além de uma participação transversal francesa nas diferentes discussões e embates internacionais.

Ressalte-se que essa onda nacionalista não se limitou aos EUA, ela é presente em países da Europa central (Polônia, Hungria, Eslováquia), da América do Sul (Brasil, Colômbia, Equador) e em alguns países asiáticos, onde também tem um efeito de enfraquecimento da liderança regional de alguns países (Tailândia⁶ com a Monarquia sendo contestada em virulentos protestos, Líbano: manifestações de rua querem mudanças políticas em meio a crises econômicas) à medida que os discursos ufanistas sobrepõem a cooperação e as soluções que prezam pelos benefícios mútuos entre os envolvidos. Esse enfraquecimento deve-se à contestação do status quo vigente, já que os argumentos nacionalistas tentam sobressair-se.

Nesse sentido, o presente artigo buscou problematizar essa aparente nova configuração da balança de poder mundial como efeito da ascensão recente de nacionalismos, mormente nos EUA. Para isso, o ensaio trouxe uma discussão conceitual e histórica do tema nacionalismo, além de sua trajetória ao longo do período contemporâneo, com destaque para levantes nacionais dos séculos XX e XXI. Após essa contextualização, o presente trabalho relacionou

³ Em teoria dos jogos e em teoria econômica, um **jogo de soma zero** se refere a jogos em que o ganho de um jogador representa necessariamente a perda para o outro jogador. Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/5/12/eaay3761>, consultado em 22.04.21

⁴ **Nagorno-Karabakh**, also spelled **Nagorno-Karabach**, Azerbaijani **Dağlıq Qarabağ**, Armenian **Artsakh**, region of southwestern Azerbaijan. The name is also used to refer to an autonomous *oblast* (province) of the former Azerbaijan Soviet Socialist Republic (S.S.R.) and to the Republic of Nagorno-Karabakh, a self-declared country whose independence is not internationally recognized. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Nagorno-Karabakh>>, consulta em: 01.09.21

⁵ idem Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/egypt-recalibrated-its-strategy-in-libya-because-of-turkey/>, consulta em: 05.09.21

⁶ Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/2021-08-24/coup-king-crisis-critical-interregnum-thailand>>

Idem <https://www.foreignaffairs.com/articles/lebanon/2020-08-14/corrupt-political-class-broke-lebanon>, consulta 01.09.21

esse panorama atual de aviltamento de protecionismo nacional com as definições históricas e com as consequências dessa conjuntura para a geopolítica contemporânea.

1. Definição e contextualização histórica de nacionalismo

Pelo viés das relações internacionais e da ciência histórica, o nacionalismo é uma ideia e um movimento que promove os interesses de uma determinada nação⁷, especialmente com o objetivo de obter e manter a soberania nacional (autogoverno) sobre sua pátria. O nacionalismo sustenta que cada nação deve governar a si mesma, livre de interferências externas (autodeterminação), e que uma nação é a base natural e ideal para uma política⁸, sendo a única fonte legítima de poder (soberania popular)⁹. Além disso, visa construir e manter uma identidade nacional única, com base em características sociais compartilhadas de cultura, etnia, localização geográfica, idioma, política, religião, tradições e crença em uma história singular¹⁰ compartilhada; além de almejar promover a unidade nacional ou a solidariedade. Nessa linha, o nacionalismo busca preservar e fomentar as culturas tradicionais e os reavivamentos culturais associados a movimentos nacionalistas¹¹. Também incentiva o orgulho pelas conquistas nacionais e está intimamente ligado ao patriotismo. Ao longo da história, os povos tiveram uma ligação com seu grupo de parentesco e de tradições, com autoridades territoriais e com sua pátria, mas o nacionalismo não se tornou um conceito amplamente conhecido até o final do século XVIII¹².

Nesse contexto, ressalte-se que, além da vastidão explicativa do conceito de nacionalismo, existem várias definições de "nação", que levam a diferentes tipos de nacionalismo. O nacionalismo étnico define a nação em termos de etnia, herança e cultura compartilhadas, enquanto o nacionalismo cívico define a nação em termos de cidadania, valores e instituições compartilhados e está ligado ao patriotismo constitucional. A adoção da identidade nacional em termos de desenvolvimento histórico tem sido muitas vezes uma resposta de grupos influentes insatisfeitos com as identidades tradicionais devido ao

⁷ Smith, Anthony. *Nationalism: Theory, Ideology, History*. Polity, 2010. pp. 9, 25–30; James, Paul (1996). *Nation Formation: Towards a Theory of Abstract Community*. London: Sage Publications.

⁸ Finlayson, Alan (2014). "5. Nationalism". In Geoghegan, Vincent; Wilford, Rick (eds.). *Political Ideologies: An Introduction*. Routledge. pp. 100-102.

⁹ Yack, Bernard. *Nationalism and the Moral Psychology of Community*. University of Chicago Press, 2012. p. 142

¹⁰ Triandafyllidou, Anna (1998). "National Identity and the Other". *Ethnic and Racial Studies*. **21** (4): 593–612

¹¹ Smith, A.D. (1981). *The Ethnic Revival in the Modern World*. Cambridge University Press.

¹² Kohn, Hans (2018). *Nationalism*. Encyclopedia Britannica.

descompasso entre sua ordem social definida e a experiência dessa ordem social por seus membros, resultando em uma anomia que os nacionalistas procuram resolver¹³.

Essa anomia resulta em uma sociedade que busca reinterpretar a própria identidade, retendo elementos considerados aceitáveis e removendo elementos considerados inaceitáveis, para criar uma comunidade unificada. Esse desenvolvimento pode ser o resultado de questões estruturais internas ou o resultado do ressentimento por um grupo ou grupos existentes em relação a outras comunidades, especialmente poderes estrangeiros que são (ou não são considerados) controladores. Nesse contexto, símbolos, bandeiras, hinos, línguas, mitos e outros dispositivos de identidade nacional são altamente instrumentalizados pelas abordagens nacionalistas. Nessa esteira, o nacionalismo foi um importante motor dos movimentos de independência, como a Revolução Grega (a de 1830) a Revolução Irlandesa, o movimento sionista, que criou Israel, e a dissolução da União Soviética. Todos esses levantes tiveram suas facções moderadas e radicais.

Durante a Revolução Industrial, houve o surgimento de uma economia integrada e abrangente, além de uma esfera pública nacional, onde o povo britânico começou a se identificar com o país em geral, ao invés das unidades menores de sua província, cidade ou família¹⁴. Nesse contexto, o surgimento precoce de um nacionalismo patriótico popular ocorreu, em meados do século 18 quando foi ativamente promovido pelo governo britânico e pelos escritores e intelectuais da época¹⁵. Símbolos, hinos, mitos, bandeiras e narrativas nacionais foram assiduamente construídos por nacionalistas e amplamente adotados. Além disso, as convulsões políticas do final do século 18 associadas às revoluções americana e francesa aumentaram maciçamente o apelo generalizado do nacionalismo patriótico.

O desenvolvimento político do nacionalismo e a pressão pela soberania popular culminaram com as revoluções étnicas/nacionais da Europa. Durante o século 19, o nacionalismo tornou-se uma das forças políticas e sociais mais significativas da história; e é normalmente listado entre as principais causas da Primeira Guerra Mundial¹⁶. As conquistas de

¹³ Motyl, Alexander, ed. (2001). *Encyclopedia of Nationalism*. San Diego: Academic Press 2 vol.

¹⁴ Ideias desenvolvidas na obra: BEAUD, Michel. **História do Capitalismo de 1500 a Nossos Dias**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁵ Gerald Newman (1997). *The Rise of English Nationalism: A Cultural History, 1740–1830*. Palgrave Macmillan.

¹⁶ John Horne (2012). *A Companion to World War I*. John Wiley & Sons. pp. 21–22. and Gillette, Aaron (2006). "Why Did They Fight the Great War? A Multi-Level Class Analysis of the Causes of the First World War". *The History Teacher*. **40** (1): 45–58.

Napoleão dos estados alemão e italiano, entre 1800 e 1806, desempenharam um papel importante no estímulo ao nacionalismo e nas demandas por unidade nacional. Nesse sentido, o historiador inglês J. P. T. Bury argumenta:

Entre 1830 e 1870, o nacionalismo havia feito grandes avanços. Inspirou grande literatura, acelerou o estudo e criou heróis. Mostrou seu poder tanto para unificar quanto para dividir. Isso levou a grandes conquistas de construção e consolidação política na Alemanha e na Itália; mas era mais claramente do que nunca uma ameaça aos impérios otomano e habsburgo, que eram essencialmente multinacionais. A cultura europeia havia sido enriquecida pelas novas contribuições vernáculas de povos pouco conhecidos ou esquecidos, mas ao mesmo tempo essa unidade estava ameaçada pela fragmentação. Além disso, os antagonismos fomentados pelo nacionalismo contribuíram não apenas para guerras, insurreições e ódios locais - eles acentuaram ou criaram novas divisões espirituais em uma Europa nominalmente cristã¹⁷.

Nessa conjuntura de convulsão das nacionalidades, o século XIX deixa uma herança permanente para o século XX. As revoluções dos anos 1820, 1830 e a grande onda revolucionária de 1848 (Primavera dos Povos), juntamente com as unificações italiana e alemã, concluídas no final dos 1860's, são símbolos do anseio nacional, que se no século XVIII era algo em ascendente desenvolvimento, no século XIX, é uma instituição consolidada que delineará as principais disputas entre potências, além das divisões imperialistas da Ásia e da África. É esse ambiente de nacionalismos exaltados que inaugura o século XX. Para referenciar Hobsbawm, na Era dos Extremos, o nacionalismo que se consolida no século XIX, como ferramenta indissociável do Estado, que agora se transforma em Estado-nação, é instrumentalizado, com seus símbolos, padrões educacionais e econômicos como ferramenta da estabilidade do Capitalismo, sempre tão sedento por previsibilidade e mecanismos de contenção das massas. Nada como uma doutrina alienante, para servir a esses propósitos.

Ressalte-se que houve algumas importantes manifestações nacionalistas ao longo do século XX, com destaque para as independências afro-asiáticas, o movimento sionista e a secessão das ex-repúblicas iugoslavas e soviéticas. Esse espaço de análise não permite uma pormenorização de cada caso, contudo leve-se em conta que os movimentos do século XX parecem ter certos parâmetros incomuns com seus antecedentes no século XIX. Os movimentos nacionais continuaram sendo instrumentos de um jogo de poder que estava além dos interesses de nação vislumbrados pelos agentes de cada grupo. Em alguns momentos, por interesses das grandes potências, mormente no contexto da Guerra Fria, as guerras entre árabes e israelenses ou as de independência afro-asiática (Indochina, Argélia) serviam à balança de poder

¹⁷ J. P. T. Bury, "Nationalities and Nationalism," in J. P. T. Bury, ed. "The New Cambridge Modern History Vol. 10 (1830-70)" (1960) pp 213-245, at p. 245

internacional e à busca de áreas de influência no globo, por parte dos países protagonistas; ora de sistemas comunistas, ora de sistemas capitalistas, ou mesmo servindo de suporte aos nazifascistas, como o levante da população alemã dos Sudetos (Tchecoslováquia, 1939¹⁸). Novamente os nacionalismos parecem instrumentalizados para servir a uma conjuntura geopolítica e econômica que transpassa as nações sedentas por independência. Direcionamentos de ações, padronização da formação de lideranças em países centrais, eram (e são) alguns dos métodos operacionalizados para usar o nacionalismo como ferramenta de uma política global, restrita à liderança de poucos atores, o que confirma, também no século XX, a tese de Hobsbawm a respeito da instrumentalização do nacionalismo.

Nesse breve apanhado sobre nacionalismos nos séculos XIX e XX, verifica-se que os pleitos por uma nação foram causas de graves embates e definições geopolíticas nas diferentes partes do globo. O que soa como uma aparente contradição já que o nacionalismo é caracterizado por um esforço de atores internos ao território; contudo, efetivamente, os embates nacionais, em geral, trazem consequências para a balança de poder mundial à medida que os territórios e sociedades são divididos por zonas de influência entre as potências globais. No século XXI, as demandas nacionalistas continuam sobressaltadas, em territórios (alguns) e circunstâncias (algumas) diferentes, mas com desígnios semelhantes, relacionados à reafirmação de um grupo sócio-histórico ou a delimitação territorial.

Fato um pouco distinto no século XXI, para os padrões contemporâneos, parece ter sido o discurso ufanista advindo de uma grande potência, EUA de Trump, uma vez que esse ator da geopolítica global, na maioria das vezes, externava seus interesses em lógicas mais abrangentes que as restrições dos conceitos nacionalistas; para Washington, historicamente, era a gestão global de lançamento de zonas de influência que prevalecia. Esse aspecto nacionalista explícito pode ter gerado um distanciamento norte-americano de certas contendas internacionais, à medida que o discurso “American First¹⁹”, já aventado em outros momentos da história norte-americana, praticamente inviabiliza a neutralidade de um negociador. Essa conjuntura demonstra certos abalos nas configurações da balança de poder²⁰, com novos e velhos atores

¹⁸ <https://www.dw.com/pt-br/1939-eslov%C3%A1quia-torna-se-independente/a-473041>, consulta em: 01.09.21.

¹⁹ Este Argumento e o dos parágrafos antecedentes encontram-se na Foreign Affairs em artigos como: The Jacksonian Revolt, **American Populism and the Liberal Order**, By Walter Russell Mead, **March/April 2017**, disponível em : https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-01-20/jacksonian-revolt?fa_anthology=1126788

²⁰ O modelo que busca seguir Kissinger para estabelecer essas novas relações internacionais, o ideal para onde apontam suas idéias, é a balança de poder que se estabeleceu entre os países europeus que se formavam durante o

se sobressaindo em alguns cenários geopolíticos, em um efeito diferente, e porque não dizer inesperado, do nacionalismo.

2. Aviltamentos nacionalistas no de um século XXI: algumas mudanças operacionais com o período antecessor

O século XXI é inaugurado com o atentado das Torres Gêmeas e uma consequente emergência do unilateralismo revestido de retórica nacionalista. Essa postura, por advir da principal potência militar e econômica do globo, parece propagar um ufanismo patriótico seja em suporte ou contra a posição dos norte-americanos. A Guerra ao Terror que sucede o ataque de 11 de setembro traz em seu conjunto políticas rígidas de controle de circulação de pessoas e de mercadorias, boa parte das vezes medidas protecionistas revestidas de retórica securitária. Um campo fértil para a aceleração de comparativos econômicos, sociais e militares entre os países, aviltando nacionalismos. Nessa conjuntura, os partidos nacionalistas de extrema direita (Marie Le Pen-França, EUA-Trump, Netanyahu-Israel) têm ambiente propício para uma retórica de menor cooperação internacional e contra o multilateralismo, em que ressurgem conceitos, por vezes usados pejorativamente, como globalismo ou marxismo cultural, os quais os partidos de extrema direita instrumentalizam como vetores da destruição das instituições nacionais. Adicione-se a essa repulsa ao integracionismo regional e global, a não aprovação da Constituição Europeia pelos parlamentos da Holanda e da França e, em um período mais recente, a oficialização da saída do Reino Unido da União Europeia, em claras demonstrações do prevaletimento de condutas de poder unilaterais. Essa retórica “patriótica” é reforçada, ainda, pelas posturas anti migratórias dos países do Norte Global, em que se alegam prejuízos no Mercado de Trabalho interno, mas que, por vezes, disfarçam pensamentos discriminatórios, tanto raciais quanto religiosos. É nesse cenário e sob essa ascensão nacionalista que o republicano Donald J. Trump chega ao poder nos EUA em 2017, sob um discurso contra a ordem global, em contraposição aos antecessores democratas, mais adeptos do multilateralismo e da cooperação internacional. Para evidenciar esse quadro nacionalista, é relevante uma exposição mais específica sobre alguns dos cenários supracitados.

século XVII e que foi oficializada com o tratado de Westfália. O próprio ideal para onde apontam as idéias do diplomata estadunidense mostram os limites do programa que busca propor em sua obra. Kissinger, *Diplomacy*, 2012)

O mundo que emerge da Guerra Fria parecia trazer o “Fim da História”²¹, pois, aparentemente, impunha-se uma ordem uni (multi) polar, em que o capitalismo liberal prevalecia, com os Estados Unidos exercendo uma maior hegemonia, pós queda da União Soviética. Entretanto, a sociedade internacional possui muitas diferenças e complexidades para ser reduzidas a restrito(s) denominador(es) comum(uns). No final da década de 1990, um colapso financeiro das economias emergentes (mais crise de 2008) pode ter sido auge para a contestação da liderança norte-americana bem como de uma ordem internacional pautada por ditames multilaterais. Nesse contexto, o terrorismo internacional, as disputas bilaterais entre China-EUA, a (re)emergência da Rússia, a crise política na União Europeia entre outros fatores podem ter aviltado os discursos nacionalistas em diversas partes do globo.

O terrorismo internacional, apesar de suas origens que remetem ao movimento anarquista de Bakunin em fins do século XIX²², ressurgiu como foco de análise após os atentados de onze de setembro, em que suas causalidades parecem referir-se ao aviltamento nacionalista de base fundamentalista. Os movimentos insurgentes/religiosos armados do presente século fazem parte do que os especialistas chamam de quarta onda (conceito de David Rapoport) de terrorismo, que teria por base o fanatismo religioso e a vinculação à formação de uma sociedade secular, que perfaça uma nação regulada por ditames baseados em escrituras espirituais. Esses movimentos transpassam pelas diferentes religiões (ortodoxos fanáticos na Chechênia, movimentos judaicos armados de Israel, fanatismo budista de Myanmar etc), contudo, sob suas perspectivas anti-ocidentais, os grupos terroristas mais analisados no Ocidente são os fundamentalistas islâmicos, como Al-Qaeda, ISIS, Boko Haram e Al-Shabab.

Essas últimas organizações podem apresentar, por vezes, um novo tipo de nacionalismo que emerge no século XXI, representado pela intransigência patriótica ou religiosa e pela existência de mecanismos de exclusão (retórica ou material) dos opositores ou dos ideários discordantes. Tais grupos terroristas ocupam vastas extensões territoriais onde buscam impor um mecanismo de coesão nacional co-referenciado em radicais posições fundamentalistas. É o caso da ocupação do Boko-Haram na porção nordeste da Nigéria, em que a Sharia é a lei fundamental

²¹ **O Fim da História** é uma teoria iniciada no século XIX por Georg Wilhelm Friedrich Hegel e posteriormente retomada, no último quarto do século XX, no contexto da crise da historiografia e das Ciências Sociais no geral (...). A ideia ressurgiu em um artigo, publicado em fins de 1989 com o título de "*O fim da história*"^[1] e, posteriormente, em 1992, com a obra "*O fim da história e o último homem*", ambos do estado-unidense Francis Fukuyama. Disponível em: < <https://www.franceculture.fr/histoire/lhistoire-de-la-fin-de-lhistoire>>, consulta em: 31.05.21

²² RAPOPORT, David C. *The Four Waves of Modern Terrorism*. Washington: Georgetown University Press, 2004.

e crianças são recrutadas para servir aos ideários radicais do grupo. Ou ainda, o que acontece nas secessões empreitadas pelo ISIS, em territórios como o Iraque ou a Síria, em que patrimônios culturais da Antiguidade são vilipendiados em uma clara referência a uma demonstração do nascimento de uma nova ordem social, nacional e religiosa nos locais em que são anexados. Essas demonstrações de radicalismo e refundação de valores culturais, por parte de grupos fundamentalistas, mostram novas formas de nacionalismos que se baseiam em conceitos distintos do nacionalismo histórico (século XIX), quais sejam: vínculos ao local de nascimento ou hábitos comuns. Propõe-se uma criação de um liame imposto, interpretado pelos dogmas do “dever ser” de escrituras religiosas, que são capazes, segundo esses intérpretes, de congregar povos a fim de dar sustentabilidade aos valores religiosos expressos em seus compêndios sagrados.

O século XXI também tem presenciado uma releitura do nacionalismo por intermédio do fenômeno da Primavera Árabe²³. Desta feita, representado cruelmente pela imolação de Mohamed Bouazizi na Tunísia em 2011, uma espécie de onda revolucionária atingiu diversos países de orientação religiosa islâmica, do Magreb ao Golfo de Áden. Esse movimento foi caracterizado, inicialmente, por levantes sociais que reivindicavam, em alguns países árabes, uma maior força representativa da população, direitos individuais e laicidade (Tunísia, Argélia), em outros, as demandas se voltavam para uma maior rigidez dos códigos éticos do islã e uma secularidade estatal (Iraque, Síria, Egito, Iêmen). Consigne-se que, como qualquer movimento de massa, os pleitos não eram homogêneos, e posições distintas rivalizavam-se dentro dos Estados em busca de uma mudança, o que deu configuração a alguns conflitos que perduram até hoje, como as Guerra Civil da Síria e do Iêmen. Em contrapartida, há um liame entre esses levantes revolucionários, que é a insatisfação com o *status quo* e um pedido por mudança, por vias pacíficas ou radicais. Esse cenário avilta nacionalismos no mundo árabe e põe em lados opostos: fundamentalistas religiosos e defensores do estado mais ocidentalizado, o que gera um polvoroso ingrediente de construção da nacionalidade nesses países, com reflexos geopolíticos em todo o globo (migrações, guerras civis, geopolítica do petróleo, terrorismo de estado etc).

Contemporaneamente, pode-se afirmar que a (re) emergência política e econômica de alguns grandes países no século XXI traz novos elementos de análise ao nacionalismo. Mormente a condição de global players de Brasil, Índia, China, Rússia e África do Sul

²³ Argumentação baseada no seguinte artigo da Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/syria/2012-01-24/arab-spring-one>, consulta em: 01.09.21

(BRICS²⁴), alternando entre momentos de maior ou menor protagonismo, impõe uma novas referências geopolíticas e de influência internacional à medida que esses países desdobram seus artifícios de poder ou seu *soft power* no cenário global. Brasil e África do Sul, pelo evidente peso em seu entorno regional, principalmente pela projeção econômica, internacionalizam suas empresas, recebem fluxo migratório e criam redes socioculturais com seus vizinhos, o que lhes reafirma a condição de potência regional, e por essa influência geopolítica no entorno, conseguem, relativamente, desdobrar seus meios políticos e socioeconômicos nas proximidades. Quanto à Rússia, projeta seu poder na Ásia Central e, pela geopolítica dos dutos e pelas ações de inteligência política, perfaz influência em todo o continente europeu; além disso, o poderio militar de Moscou e a interdependência da ex-repúblicas soviéticas garantem uma projeção socioeconômica dos russos dos Bálcãs ao Pacífico. Os indianos têm uma crescente influência regional e sua atuação no ramo da tecnologia da informação e do cinema projeta Nova Délhi como um ator geopolítico de peso nas quimeras globais. A força regional e global desses países é determinante para novas formas de pensamento nacional, tanto endógena quanto internacionalmente, uma vez que as interligações políticas, econômicas e sociais são mecanismos modeladores de pensamento em qualquer dispositivo social.

No que concerne à China²⁵, a projeção de poder é quase universal. Os chineses já possuem a maior paridade de poder de compra do mundo, uma força militar ascendente, lançam braços de influência geopolítica e de infraestrutura em todo o globo (através da Nova Rota da Seda²⁶) e são pragmáticos e autônomos em sua inserção multilateral. Com investimentos nas diferentes partes do globo e relações de interdependência econômica com os principais atores do Norte Global (EUA: Corrente de Comércio de U\$\$ 2 trilhões; Europa: Acordos de Facilitação de Comércio e Investimentos)²⁷, a China adentra nas economias nacionais com produtos e com certa quantidade de imigrantes, além da influência cultural (oficializada pelo *soft power* do

²⁴ Argumentação inspirada no artigo: <https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/2018-04-16/brics-and-collective-financial-statecraft>, consulta em: 01.09.21.

²⁵ Argumentação inspirada no artigo: <https://www.foreignaffairs.com/articles/americas/2021-07-02/world-without-american-democracy>, consulta em: 01.09.21.

²⁶ Considerada um dos projetos de infraestrutura mais ambiciosos já concebidos, a Nova Rota da Seda chinesa foi lançado em 2013 pelo presidente Xi Jinping com diversos programas de desenvolvimento e investimento, incluindo regiões da Ásia, Europa, África e América Latina. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53152473>, consulta 01.09.21

²⁷ <https://www.census.gov/foreign-trade/balance/c5700.html>, consulta em: 01.09.21

Instituto Confúcio²⁸). Desse modo, os conceitos de ser nacional do século XX levam em conta a condicionante chinesa, seja como elemento de atração ou de repulsão.

Verifica-se por esses e outros fatores que o século XXI está delineando-se por uma conjuntura de ressurgimento de conceitos nacionalistas, contudo estes apresentam uma roupagem própria dos elementos prevaletentes na contemporaneidade. Terrorismo e os fundamentalismos religiosos, por vezes, têm trajetória coincidente no que se refere a busca da contestação do status quo social e políticos dos países e da ordem em que estão inseridos. A emergência de novos global players na seara internacional, mormente os BRICS, impõe também outros conceitos aos desdobramentos do nacionalismo no mundo. Essa conjuntura, que inclui um aumento de protecionismo econômico em cenários como a crise financeira de 2008, traz novos aspectos ao soergimento nacional no século XXI, que incluem uma retórica confrontacionista da ordem multilateral (fundada no pós-SGM) e um uma postura crescentemente unilateral, com argumentos econômicos que, em algumas oportunidades, travestem posições discriminatórias diante de fluxos migratórios e liberdade religiosa. Essa ascensão nacionalista do século XXI tem um momento simbólico, e porque não dizer de síntese do quadro atual, na eleição de Donald Trump em 2016²⁹, em que o novo presidente americano passa a defender os interesses de Washington, de forma escancarada, em prejuízo (literal) de qualquer outro país e onde a ordem pós-1945 é apresentada como uma estratégia comunista de domínio global, que oporia a tese liberal-capitalista³⁰.

3. O caso dos EUA de Trump

A campanha presidencial dos Estados Unidos em 2016 viu a ascensão sem precedentes de Donald Trump³¹, um empresário sem experiência política que concorreu com uma plataforma

²⁸ O **Instituto Confúcio** é uma organização educacional pública sem fins lucrativos vinculada ao Ministério da Educação da República Popular da China, cujo objetivo é promover a língua e a cultura da China e dar apoio ao ensino da língua chinesa e facilitar o intercâmbio cultural em todo o mundo através dos Institutos Confúcio associados. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Conf%C3%BAcio, consulta em: 01.09.21.

²⁹ Argumentação inspirada nos artigos **Alcázar, Alfredo Crespo**: “Los Años de Donald Trump en La Casa Blanca: Escenario Precedente y Repercusiones Posteriores” (Comillas Journal of International Relations | nº 21, 2021); Oliveira, Thiago Godoy Gomes/Leite, Lucas Amaral Batista: “O futuro não pertence aos globalistas”: Donald Trump e a instrumentalização política do nacionalismo. (Conjuntura Austral, 2021), que também dão suporte argumentativo a toda abordagem do texto que traz o nacionalismo trumpista como mote.

³⁰ Argumentação inspirada no artigo da Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2017-07-10/globalism-and-nationalism>, consulta em 01.09.21.

³¹ <https://www.foreignaffairs.com/articles/2017-12-21/trumps-delusional-national-security-strategy>

populista/nacionalista e lutou para obter o apoio de figuras políticas convencionais, mesmo dentro de seu próprio partido. Os slogans de Trump "Make America Great Again" e "America First" exemplificam o repúdio de sua campanha ao globalismo e sua visão fortemente nacionalista. Sua inesperada vitória na eleição foi vista como parte da mesma tendência que provocou a votação do Brexit. Em 22 de outubro de 2018, duas semanas antes das eleições de meio de mandato, o presidente Trump proclamou abertamente que era um nacionalista para uma multidão que aplaudia em um comício no Texas em apoio à reeleição do senador Ted Cruz, que já foi um adversário. Em 29 de outubro de 2018, ele equiparou o nacionalismo ao patriotismo, dizendo "Estou orgulhoso deste país e chamo isso de 'nacionalismo'"³².

Posturas ultranacionalistas não são exatamente uma novidade na história norte-americana. A Doutrina do Destino Manifesto³³ que orientou a marcha expansionista dos americanos no século XIX é símbolo dos anseios da então jovem nação de projetar seus objetivos nacionais sob uma perspectiva bioceânica. Compras de territórios (Alaska da Rússia, Lousiana da França), negociações diretas (Wisconsin da Grã Bretanha) ou a recorrente guerra de conquista (Texas, Novo México e Califórnia ou Porto Rico), foram posturas que impulsionaram o crescimento das Treze Colônias da margem do oceano Atlântico até o Pacífico, sem contar as ocupações ultramarinas no sudeste asiático e Polinésia (Filipinas, Guam, Ilhas Marshall etc)³⁴. Esse expansionismo era instrumentalizado em ideias racialmente excludentes, ligadas à doutrina europeizante do Fardo do Homem Branco³⁵, de que os EUA teriam uma missão civilizatória diante de povos "pouco organizados socialmente", interpretação retirada de teorias

³² Barnett, Anthony (2017). *The Lure of Greatness: England's Brexit and America's Trump*. Random House; *"Trump: I'm a nationalist"*; Gearan, Anne (13 November 2018). *"Trump refuses to acknowledge the fraught history of nationalism"*. Retrieved 14 November 2018.

³³ No século XIX, a doutrina do destino manifesto (em inglês: *Manifest Destiny*) era uma crença comum entre os habitantes dos Estados Unidos que dizia que os colonizadores americanos deveriam se expandir pela América do Norte. Ela expressa a crença de que o povo americano foi eleito por Deus para civilizar o seu continente. Há três temas comuns no "manifesto": A virtude especial do povo americano e suas instituições; A missão dos Estados Unidos era redimir e refazer o oeste a imagem da América agrária; O destino irresistível para conquistar este dever essencial, com a benção de Deus. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Doutrina do destino manifesto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Doutrina_do_destino_manifesto), consulta: 01.09.21.

³⁴ Informações sobre expansionismo dos EUA extraídas de: René Rémond, **História dos Estados Unidos**, Martins Fontes, 1989.

³⁵ *"The White Man's Burden"* ("O Fardo do Homem Branco") é um poema escrito pelo poeta inglês Rudyard Kipling. Foi publicado originalmente na revista popular *McClure's* em 1898, com o subtítulo *The United States and the Philippine Islands*. "The White Man's Burden" foi escrito a respeito da conquista estadunidense das Filipinas e outras ex-colônias espanholas.^[2] Embora o poema de Kipling misturasse exortações ao império com ajuizados alertas sobre os custos envolvidos, os imperialistas dos Estados Unidos se fixaram na frase "fardo do homem branco" como uma caracterização para o neocolonialismo que justificasse a política como um nobre empreendimento. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O Fardo do Homem Branco](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Fardo_do_Homem_Branco), consulta em: 01.09.21.

como o darwinismo social³⁶ e as perspectivas de Spencer³⁷ sobre o imperialismo em fins do século XIX. Sob essa perspectiva, justificava-se a imposição das leis advindas de Washington, a perseguição e extermínio de comunidades silvícolas ou a ocupação de uma porção considerável do território mexicano. Todas essas medidas desdobravam-se sob um desígnio de orgulho dos americanos de estarem integrando territórios e sociedades “não-civilizadas” à perspectiva de estado-nação dos EUA, que se auto intitulavam missionários sociais e políticos de um mundo civilizado.

No século XX, o nacionalismo dos EUA reveste-se, no pós-SGM, da ideia de “inimigo comum”³⁸, para mobilizar as diferentes nações em torno de um projeto global que, na verdade, representava interesses da Política Externa de Washington. O inimigo seria a expansão do socialismo soviético, que a partir de alguns instrumentos (Doutrina Truman, Telegrama X, Macarthismo³⁹) criou-se uma retórica securitária internacional que buscava impor os EUA como a polícia de defesa do mundo diante das ameaças políticas de Moscou. Os Estados Unidos, em verdade, defendiam sua hegemonia global e sua ampliação de área de influência por intermédio de uma verdadeira demonização de seu algoz político: o comunismo soviético, era um ideário nacional utilizado como objetivo internacional do mundo ocidental. As condicionantes de posturas liberais aos europeus para que recebessem os recursos do Plano

³⁶ **Darwinismo social** é um nome moderno dado a várias teorias da sociedade, que surgiram no Reino Unido, América do Norte e Europa Ocidental, na década de 1870. Trata-se de uma tentativa de se aplicar o darwinismo nas sociedades humanas. Descreve o uso dos conceitos de luta pela existência e sobrevivência dos mais aptos, para justificar políticas que não fazem distinção entre aqueles capazes de sustentar a si e aqueles incapazes, de se sustentar. Esse conceito motivou as ideias de eugenia, racismo, imperialismo, fascismo, nazismo e na luta entre grupos e etnias nacionais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Darwinismo_social, consulta em: 01.09.21.

³⁷ **Herbert Spencer**, né le 27 avril 1820 à Derby et mort le 8 décembre 1903 à Brighton, est un philosophe et sociologue anglais. Son nom est associé à l'application des théories de Charles Darwin à la sociologie, et donc au darwinisme social, même si les partisans de ces théories rejettent ce terme, lui préférant celui de spencérisme¹. Il popularise par ses publications l'idée d'évolution et de survie des plus aptes (*survival of the fittest*). Disponível em : https://fr.wikipedia.org/wiki/Herbert_Spencer, consulta em 01.09.21

³⁸ Ideário defendido na Doutrina Truman, que tem entre seus idealizadores George Kennan, que subscreve suas principais ideias no artigo da Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russian-federation/1976-07-01/two-hundred-years-american-policy-united-states-and-soviet>, consulta em: 01.09.21.

³⁹ **Macarthismo** (em inglês *McCarthyism*) é um termo que se refere à prática de acusar alguém de subversão ou de traição. O termo tem suas origens no período da História dos Estados Unidos conhecido como segunda ameaça vermelha, que durou de 1950 a 1957 e foi caracterizado por uma acentuada repressão política aos comunistas, assim como por uma campanha de medo à influência deles nas instituições estadunidenses e à espionagem por agentes da União Soviética. Originalmente cunhado para descrever a patrulha anticomunista promovida pelo Senador republicano Joseph McCarthy, do Wisconsin, o termo logo adquiriu um significado mais extenso, sendo utilizado hoje para descrever o excesso de iniciativas similares. Também é utilizado para descrever acusações imprudentes e pouco fundamentadas, assim como ataques demagógicos ao caráter ou ao senso de patriotismo de adversários políticos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macarthismo>, consulta em 01.09.21.

Marshal, a "terceirização" (Doutrina Nixon⁴⁰) do enfrentamento ao comunismo através do suporte à ditaduras na América Latina, são algumas das medidas que os EUA tentaram para operacionalizar seus objetivos unilaterais externos por meio da adesão de outros países a essas mesmas metas, manipulando uma retórica de bipolaridade maniqueísta na Guerra Fria.

Mesmo com esses históricos posicionamentos nacionalistas, o debate interno sempre incluiu uma adesão a uma postura mais isolacionista, nos moldes do “*Splendid Isolation*” dos britânicos no século XIX. Até a consolidação da nação bioceânica, apesar da postura expansionista no entorno continental, os EUA consideravam sua política externa isolacionista, em que a Doutrina Monroe (América para os Americanos-1823) era o símbolo principal, no qual os americanos delimitavam, perante os europeus, a sua área de influência; além disso não intervinham em zonas de poder europeia e almejavam postura recíproca, o que foi tacitamente respeitado, incluindo cooperação expansionista na “Open Door Policy⁴¹” no Japão e na China. Desse modo, os norte-americanos consideravam-se isolados em suas pretensões externas, focados somente nos anseios continentais, em busca da estruturação do estado-nação. Essa política é interrompida, em fins do século XIX, com a vitória dos EUA na guerra hispano-americana⁴², sob as diretrizes do Big Stick (Corolário Roosevelt)⁴³, em que Washington projeta poder sob o Atlântico diante de antigas colônias europeias (Filipinas, Guam) e busca participação nas aberturas forçadas de China e Japão, por exemplo. Nos anos 1930, a Política da Boa Vizinhança de Franklin Delano Roosevelt⁴⁴, após a tentativa de retorno ao isolamento no pós Primeira

⁴⁰ Conceito disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/search/Nixon%20doctrine>.

⁴¹ The **Open Door Policy** (Chinese: 門戶開放政策) is a term in foreign affairs initially used to refer to the policy established in the late 19th century and the early 20th century that would allow for a system of trade in China open to all countries equally. It was used mainly to mediate the competing interests of different colonial powers in China. Under the policy, none of them would have exclusive trading rights in a specific area. In the late 20th century, the term also describes the economic policy initiated by Deng Xiaoping in 1978 to open up China to foreign businesses that wanted to invest in the country. The latter policy set into motion the economic transformation of modern China. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Open_Door_Policy, consulta 01.09.21.

⁴² A **Guerra Hispano-Americana** foi uma guerra em 1898 entre a Espanha e os Estados Unidos, resultado da intervenção norte-americana na Guerra de Independência de Cuba. Ataques americanos às possessões ultramarinas da Espanha levaram ao envolvimento na Revolução Filipina e, finalmente, à Guerra Filipino-Americana. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Hispano-Americana, 01.09.21.

⁴³ La **doctrine du Big Stick** est une expression qui renvoie à la politique étrangère menée par le président Theodore Roosevelt au début du XX^e siècle et visant à faire assumer aux États-Unis une place de véritable police internationale. Disponível em : https://fr.wikipedia.org/wiki/Doctrine_du_Big_Stick, 01.09.21.

⁴⁴ Implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada política de boa vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período. Sua principal característica foi o abandono da prática intervencionista que prevalecera nas relações dos Estados Unidos com a América Latina desde o final do século XIX. A partir de então, adotou-se a negociação diplomática e a colaboração econômica e militar com o objetivo de impedir a influência européia na região, manter a estabilidade política no continente e assegurar a liderança norte-americana no hemisfério ocidental. Disponível em:

Guerra, sepulta definitivamente a neutralidade norte-americana diante do sistema internacional, mas isso não significava um abandono ou a relativização dos interesses nacionalistas. Washington sempre buscou conjugar suas intenções de política externa com os interesses internos, em uma espécie de gênese política que projetava a nação como referência de pátria aos demais entes do globo. Nesse sentido, no pós-SGM, não era cabível posturas isolacionistas já que os americanos tornavam-se a grande potência militar e econômica do mundo⁴⁵.

No século XXI, eventos como o ataque terrorista de 11 de setembro e a crise financeira de 2008 incentivaram as posturas de fechamento político e econômico dos países, mormente nos EUA, epicentro desses momentos críticos. Após os ataques terroristas da Al-Qaeda, Washington, sob a justificativa de segurança nacional, regula severamente a entrada de pessoas, mercadorias e serviços e expõe uma retórica “nós e eles” que se propaga pela sociedade norte-americana. Esse cenário leva a sumarização de posturas protecionistas⁴⁶, alavancadas após a crise financeira de 2008 em que o intervencionismo econômico do estado é a regra, juntamente com o fomento a atividades empreendedoras internas, em detrimento da cooperação comercial externa, que seria uma das responsáveis pela crise. Essa conjuntura de valorização de instituições nacionais e do mercado interno é ascendente, para parte da sociedade dos EUA nos anos 2010, principalmente das antigas áreas industrializadas do país, que sofreram com as sucessivas crises econômicas e com a globalização (Detroit, Wisconsin etc)⁴⁷. Diante dessa realidade, o discurso nacionalista recebe inúmeros adeptos na sociedade e na política; e uma ala do partido Republicano, mais radicalizada à direita sintetiza parte das demandas sociais, relacionadas à frustração com o globalismo e com as posturas de cooperação internacional dos EUA. Nesse cenário, lança-se como candidato à presidência da república em 2016 Donald Trump, que tem slogans: “American First” e “American Great Again”, simbolizando a maioria dos anseios nacionalistas citados, o que leva a uma radicalização da política norte-americana

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>, em 01.09.21.

⁴⁵ Interpretação retirada do artigo da Foreign Affairs (1945): <https://www.foreignaffairs.com/articles/1945-07-01/cartels-patents-and-politics>, 01.09.21.

⁴⁶ Protecionismo pós crise 2008: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45442713>, 01.09.21.

⁴⁷ Essa área, localizada no nordeste dos Estados Unidos, é composta pelos estados de Michigan, Minnesota, Ohio, Iowa, Pensilvânia e Wisconsin, que tiveram uma indústria muito desenvolvida até o século 20, mas depois sofreram com o declínio da economia, com desemprego, redução da população e decadência urbana. O nome “cinturão da ferrugem” faz referência às fábricas hoje abandonadas na região. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2020/cinturao-da-ferrugem-entenda-o-que-e-e-qual-a-importancia-dessa-area-dos-eua/>, 01.09.21.

na segunda metade dos anos 2010. Acrescente-se que esse nacionalismo radical apresenta algumas posições xenófobas e discriminatórias que rivalizam segmentos da sociedade nos EUA⁴⁸.

4. O Nacionalismo de Trump e a reconfiguração da Balança de poder mundial⁴⁹

Além do cenário interno nos EUA, a ascensão de Donald Trump tem grandes impactos na Balança de Poder Mundial. O anti-multilateralismo, definido como globalismo pelos trumpistas, a confrontação comercial e política com China e com a Rússia, bem como o distanciamento da tradicional aliança atlântica com a Europa, são elementos que parecem relativizar, de uma maneira até então não observada, a ordem global pós-SGM. Esse cenário de uma aparente busca de hegemonia unilateral, em uma postura avessa à cooperação, ao soft power e ao win-win, a gestão Donald Trump, diante da criação de assimetrias de relacionamento, parece impulsionar novas coligações e alianças entre potências; e faz surgir novas lideranças em cenários geopolíticos e quimeras globais que tradicionalmente tinham os EUA como nação mediadora.

Com os chineses, a administração Trump, logo de início, marcou uma das maiores guerras comerciais da contemporaneidade⁵⁰, o que foi motivo para diferentes aproximações e reconfigurações econômico-financeiras ao redor do globo. A guerra de tarifas norte-americana, desencadeada a partir de 2017, visava à redução do déficit do Comércio Exterior diante de Pequim. Para isso, começou com tarifas sobre aço, produtos industrializados e disseminou-se nos mais diferentes itens da balança comercial sino-americana, provocando uma migração de fluxos financeiros e comerciais para outros países e regiões, uma vez que os chineses buscavam compensar suas possíveis perdas. Nessa conjuntura, o fluxo das commodities latino-americanas para a China tem grande ascensão entre 2019 e 2020, incluindo o Brasil; há assinatura e reuniões bilaterais mais recorrentes entre europeus e chineses, incluindo assinatura de acordos de facilitação de investimentos em 2021⁵¹. Adicione-se que a Nova Rota da Seda chinesa desdobra-se mais intensamente na África, no Leste Europeu e no Mediterrâneo, incluindo

⁴⁸ Interpretação retirada do artigo da Foreign Affairs (2020): <https://www.foreignaffairs.com/articles/france/2020-01-09/trumps-napoleon-moment>, 01.09.21.

⁴⁹ Interpretações da reconfiguração da balança de poder mundial retiradas da série de artigos da Foreign Affairs (2020), intitulada Trump's World, disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/anthologies/2020-11-27/trumps-world>, 01.09.21.

⁵⁰ Interpretação sobre a Guerra Comercial China-EUA retirada de: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2019-12-12/beyond-trade-war>, 01.09.21

⁵¹ <https://www.infomoney.com.br/economia/pacto-de-investimentos-entre-uniao-europeia-e-china-aprofundalacos-economicos/>, 01.09.21

acordos bilionários com Grécia e Itália⁵². Verifica-se que a guerra comercial, ainda que tenha obtido alguns de seus objetivos de curto prazo (redução do déficit), impulsionou novas conexões econômico-políticas que podem ter efeitos de longo prazo na balança de poder mundial, principalmente por envolverem áreas tradicionais da influência norte-americana, como a África (ajuda humanitária) e o Mediterrâneo europeu (presença de bases da OTAN).

A confrontação com os chineses não se limitou ao campo econômico⁵³, há também inúmeras controvérsias geopolíticas, mormente no que concerne a temas envolvendo o Sudeste Asiático, agenda de Direitos Humanos e o princípio da autodeterminação dos povos. Nessa seara, os Estados Unidos contestam a “linha dos nove traços”⁵⁴ no Mar do Sul da China e a política de “dois sistemas, um só país”⁵⁵ a respeito de Taiwan e Hong Kong; realizando, inclusive, exercícios militares afrontosos nos limites marítimos das áreas supracitadas, as quais a China considera que fazem parte de seu território, levando a uma escalada de tensões retóricas e políticas, o que envolve direta ou indiretamente, os países da região em uma espécie, para alguns analistas, de ressurgimento da Guerra Fria⁵⁶. Os Estados Unidos de Trump também contestaram as políticas chinesas, ditas segregacionistas, contra a etnia islâmica uigures⁵⁷ no Noroeste daquele país, o que Washington chegou a classificar como crime contra a humanidade. Essa conjuntura, tanto a guerra comercial quanto a confrontação geopolítica, demonstram que a ascensão nacionalista nos EUA, recentemente, encaminha o país para lógicas geopolíticas

⁵²<https://www.istoedinheiro.com.br/italia-e-china-fecham-acordos-comerciais/>,
<https://exame.com/economia/com-raiva-da-ue-grecia-e-receptiva-ao-dinheiro-chines/>, 01.09.21.

⁵³ Idem nota 53.

⁵⁴ A “linha de nove traços” chinesa demarca um território muito além do previsto pelas normas do Direito do Mar, alegam alguns países da região, como Vietnã, Filipinas e Malásia. As naturezas das exigências da China, então, serviram como catalisador de uma já complicada situação jurídica e política. Questões de soberania territorial de Estados do Sudeste Asiático conflitaram com o ideal de reivindicação histórica sustentado pelo governo chinês. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ripe/wp-content/uploads/2017/05/Mar-do-Sul-da-China.pdf>, 01.09.21.

⁵⁵ O princípio é que, após a reunificação, apesar da prática do socialismo na China continental, Hong Kong e Macau, que eram antigas colônias do Reino Unido e de Portugal, respectivamente, poderiam continuar a praticar o capitalismo sob um alto nível de autonomia por 50 anos após a reunificação. O estabelecimento dessas regiões, chamadas de Regiões Administrativas Especiais (RAEs), é autorizado pelo Artigo 31 da Constituição da República Popular da China, que diz que o Estado pode estabelecer RAEs quando necessário, e que os sistemas a serem instituídos nelas devem ser decidido por lei decretada pela Assembleia Popular Nacional. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Um_pa%C3%ADs,_dois_sistemas, 01.09.21.

⁵⁶ <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2018-03-02/counterproductive-cold-war-china>, 01.09.21

⁵⁷ Relatório afirmou que o governo “tem a responsabilidade de estado por um genocídio em curso contra os uigures em violação da Convenção de Genocídio (ONU)”, disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/relatorio-independente-aponta-possivel-genocidio-do-povo-uigur-na-china/>. Consulta em: 02.09.21.

realistas (para fazer uso da teoria de Hans Morghenthau e Edward Carr)⁵⁸ e unilaterais. Essa postura, contudo, desdobra reconfigurações nos ciclos geopolíticos visto que a dificuldade relacional empurra os atores para órbitas de influência e alianças distintas, seja na relação direta ou indireta dos dois países. Por exemplo, a China vem absorvendo demandas financeiras e comerciais do Irã e da Coreia do Norte⁵⁹, que estão sob sanções norte-americanas, o que de certa forma retira a eficiência da punição e dificulta uma solução dos conflitos sobre controle de armamento nuclear, que envolvem Washington, Pionguiang e Teerã. Em contrapartida, a China recebe relativo protagonismo na controvérsia e parece tomar lugar em um tema que, historicamente, os EUA eram a grande referência de gerenciamento.

O Governo Trump⁶⁰ teve uma postura ambígua com a Rússia, mas tentou prevalecer o nacionalismo. Desde os rumores de intervenção russa, a favor de Trump⁶¹, nas eleições de 2016, até a renúncia de acordo de regulação de armas nucleares (START)⁶², a administração norte-americana ora apresentava uma relação de proximidade com Moscou, ora de confrontação. De qualquer maneira, a instabilidade e a indefinição, somada à postura da retórica belicosa, já referenciada de Trump, em defesa do nacionalismo, por vezes, deu condições para os russos assumirem papel proeminente em diferentes tabuleiros geopolíticos. Nesse sentido, Wladimir Putin teve encontros amistosos, onde foram firmados diversos acordos de cooperação com a Coreia do Norte (EUA teve encontros de poucos resultados em 2017 e 2018, incluindo interrupção antecipada na cúpula de Cingapura)⁶³. A Rússia instalou uma base militar no conflito sírio e foi um dos fatores principais para que a balança de forças tendesse para Assad e a guerra civil fosse se transformando em um conflito congelado; em contrapartida, em 2018, EUA retiraram tropas da Síria, desguarnecendo a aliança com os curdos que ficaram à mercê das forças turcas de Erdogan, o que gerou redução do protagonismo americano e maior

⁵⁸ Ver: **A perspectiva realista na teoria das relações internacionais. Fatores estruturais no sistema político internacional**, Vinicius Valentin Raduan Miguel. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/17929/a-perspectiva-realista-na-teoria-das-relacoes-internacionais>, 02.09.21.

⁵⁹ Ver: <https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/1982-12-01/china-iran-and-persian-gulf>, <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2018-06-08/north-korea-ultimately-chinas-problem>, consultas em: 02.09.21.

⁶⁰ Argumentação e dados retirados do artigo da Foreign Affairs (2020): <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-02-01/trump-and-putins-game-theory>, consulta: 02.09.20.

⁶¹ Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38275572>, consulta em 03.09.21

⁶² Ver: <https://oglobo.globo.com/mundo/trump-deixa-tratado-nuclear-com-russia-mirando-poderio-da-china-23174159>, consulta em 03.09.21

⁶³ Ver: <https://www.wilsoncenter.org/event/global-perspectives-north-korean-russian-relations>, consulta em 03.09.21

ascendência russo-turca na região, que, inclusive, compartilham patrulhas de combate, nas principais vias do território sírio⁶⁴. Em Nagorno-Karabakh, região estratégica nos Bálcãs e nos acessos para a Ásia central, as tensões recentes (2020)⁶⁵ foram capitaneadas pelos interesses de Rússia e Turquia, sem qualquer participação efetiva de tropas ou da diplomacia norte-americana; nessa conjuntura, o conflito que envolvia Armênia e Azerbaijão, aparentemente, resolveu-se em favor desse último, em acordo firmado sob auspícios de Moscou e Ancara, sem a presença de ocidentais. Essas ausências ou diminuição da presença dos EUA em disputas geopolíticas centrais para o equilíbrio da balança de poder mundial demonstram um aspecto evidente dos nacionalismos: a perda de liderança em virtude da defesa do interesse único. Desse modo, a clarividência de que o mediador é tendencioso ao negociar por vias parciais retira-lhe a relevância em negociações internacionais. Isso parece ter acontecido com os EUA entre 2016 e 2020, realocando outros atores à frente das mediações. A preocupação, sob uma ótica exclusivamente ocidental, é que a habilidade mais evidenciada desses outros países camufla seus interesses nacionais e os aspectos autocráticos das políticas internas de nações como a Rússia de Putin e a Turquia de Recep Tayip Erdogan.

O Nacionalismo norte-americano recente também abalou as relações com os europeus⁶⁶. Em 2017, nas primeiras cimeiras com os líderes europeus, Trump já contestava a baixa participação orçamentária das nações europeias na OTAN⁶⁷ e ameaçava realizar a realocação de tropas norte-americanas dentro do continente, o que poderia comprometer a segurança hemisférica⁶⁸. Além disso, no campo econômico-comercial, incluiu os europeus na guerra tarifária, o que provocou a busca de novas parcerias econômicas pela UE, como no caso do acordo de livre-comércio com o Japão⁶⁹, com o Reino Unido⁷⁰ e a intensificação das conexões africanas⁷¹. Sob os auspícios do nacionalismo “American First”, verifica-se que a administração Trump abalou um dos principais pilares da ordem internacional pós-SGM: a parceria

⁶⁴ Ver: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/por-que-a-russia-apoia-a-siria.c6c8b0afd40ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>, consulta em 03.09.21

⁶⁵ Ver: <https://eurasianet.org/azerbaijan-steps-up-talk-of-peace-deal-with-armenia>, 03.09.21

⁶⁶ Interpretação extraída do artigo da Foreign Affairs (2018): <https://www.foreignaffairs.com/articles/europe/2018-06-12/what-america-first-will-cost-europe>, consulta 02.09.21

⁶⁷ Ver: <https://www.dw.com/pt-br/trump-critica-europeus-na-v%C3%A9spera-de-c%C3%BApula-da-otan/a-44604618>, consulta em 03.09.21

⁶⁸ Ver: <https://www.dw.com/pt-br/fechado-acordo-para-envio-de-mais-mil-soldados-dos-eua-%C3%A0-pol%C3%B4nia/a-54580819>, consulta em 03.09.21

⁶⁹ Ver: https://portal.apexbrasil.com.br/relacoes_comerciais/Acordo-UE-Japao-se-aproxima-da-ratificacao/, consulta em 03.09.21.

⁷⁰ https://ec.europa.eu/info/strategy/relations-non-eu-countries/relations-united-kingdom/eu-uk-trade-and-cooperation-agreement_pt, consulta em 03.09.21

⁷¹ Ver: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-africa/>, 03.09.21

transatlântica EUA-Europa. Ao relativizar o discurso de cooperação, os EUA incentivaram tratativas sobre um exército europeu⁷², paralelo à OTAN, bem como discursos de Ângela Merkel e Emanuel Macron de que a OTAN precisava ser refundada⁷³, sob o risco de ter perdido o objetivo existencial e a capacidade de gerenciar crises dentro e fora do bloco. Adicione-se a essa crise da relação bilateral as punições mútuas contra grandes conglomerados capitalistas (Amazon, Facebook, Boeing, General Motors etc)⁷⁴ em meio a uma guerra tarifária, que inicialmente abrangia componentes relacionados ao aço e ao alumínio e depois se estendeu para inúmeros segmentos comerciais. Esses exemplos demonstram que uma postura nacionalista de Washington, tendo a prevalência de um modelo de poder mais unilateral, gera relativas descontinuidades em parcerias aparentemente consolidadas, como a do Ocidente (Europa-EUA), o que provoca novas configurações na geopolítica e nas relações de liderança no cenário internacional.

Nesse contexto de aviltamento nacional e de ruptura relativa da ordem pós-SGM, os pronunciamentos de Donald Trump trazem um pouco do tom da nova realidade geopolítica. Nesse sentido, Charles A. Kupchan, em artigo para *Foreign Affairs* (2018), afirma:

Quando o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump⁷⁵, falou em 2018 na Assembleia Geral das Nações Unidas, ele sinalizou deliberadamente uma ruptura definitiva com o consenso internacionalista que orientou a grande estratégia dos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial: "Jamais entregaremos a soberania dos Estados Unidos a uma burocracia global não eleita e irresponsável", proclamou Trump. "Nações soberanas e independentes são o único veículo onde a liberdade já sobreviveu, a democracia já durou ou a paz prosperou. E, portanto, devemos proteger nossa soberania e nossa querida independência acima de tudo." Ele estava despejando água da guerra fria no multilateralismo e na governança global – assim demonstrava o quão drasticamente sua mensagem divergia das de seus antecessores. (*Foreign Affairs*, Set/Out 2018 Edition – tradução livre).

Apesar disso, a marca da política de Trump não está em descompasso com grande parte da história dos Estados Unidos, como já citado, contudo está descartando os princípios-chave da política externa dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial, favoráveis a uma linha de pensamento mais antiga sobre o papel dos Estados Unidos no mundo. É um retorno a um tempo antes da Segunda Guerra Mundial - a uma iteração anterior do excepcionalismo

⁷² Ver: <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-ataca-macron-por-sua-proposta-de-criacao-de-exercito-europeu/>, 03.09.21

⁷³ Ver: https://www.lemonde.fr/international/article/2019/11/28/mort-cerebrale-de-l-otan-macron-assume-stoltenberg-recherche-l-unite_6020929_3210.html, consulta em 03.09.21

⁷⁴ <https://veja.abril.com.br/economia/uniao-europeia-fecha-o-cerco-a-big-techs-para-estimular-concorrenca/>, consulta em:03.09.21

⁷⁵ Argumentação e dados interpretados do artigo da *Foreign Affairs* (2018): <https://www.foreignaffairs.com/articles/2018-09-26/trumps-nineteenth-century-grand-strategy>, consulta em 03.09.21

americano e um tipo mais antigo de política. A hostilidade à participação dos EUA em pactos internacionais, o protecionismo econômico, a aversão à promoção da democracia, o nacionalismo tingido de racismo⁷⁶, a tentação isolacionista - esses aspectos da abordagem "América em primeiro lugar" de Trump estão fora do manual que ancorou a política externa para a maioria dos História dos EUA antes do ataque japonês a Pearl Harbor.

A ascensão política de Trump repousava claramente em sua habilidade de apelar a um eleitorado insatisfeito, prometendo voltar no tempo para um Estados Unidos mais soberano, mais branco, mais industrializado e mais geopolítico. No entanto, seu esforço para reorientar a estratégia dos EUA usando uma versão anterior de excepcionalismo está destinado ao fracasso. Seus instintos isolacionistas e seu ataque ao multilateralismo, à globalização, à promoção da democracia e à imigração provocaram uma oposição apaixonada em casa e no exterior. E por um motivo simples: uma grande estratégia elaborada para o século XIX é inadequada para o século XXI. Em que pese essas observações, Trump abriu um importante debate sobre o papel dos Estados Unidos no mundo, mas a solução para as dificuldades não é retroceder. Nesse sentido, o que os Estados Unidos precisam é de uma versão atualizada de excepcionalismo para os novos tempos - e uma grande estratégia à altura, em que o nacionalismo intransigente parece pouco eficiente.

Considerações Finais

O presente artigo buscou problematizar a aparente nova configuração da balança de poder mundial como efeito da ascensão recente de ufanismos, mormente nos EUA. Para isso, externou-se uma delimitação conceitual de nacionalismo, além de sua trajetória ao longo do período contemporâneo, com destaque para levantes nacionais dos séculos XX e XXI. Após essa contextualização, o trabalho buscou relacionar esse panorama atual de aviltamento de protecionismo nacional com as definições históricas e com as consequências dessa conjuntura para a geopolítica contemporânea. Nessa conceituação de nacionalismo, viu-se que nos séculos XIX e XX os pleitos por uma nação foram causas de graves embates geopolíticos no mundo. Esse fato parece uma contradição já que o nacionalismo é caracterizado por um esforço de atores internos ao território, contudo, efetivamente, os embates nacionais, em geral, trazem consequências para a balança de poder mundial à medida que os territórios e sociedades são divididos por zonas de influência entre as potências globais. No século XXI, as demandas nacionalistas continuam sobressaltadas, em territórios e circunstâncias diferentes, mas com

⁷⁶ Ver: <https://civilrights.org/trump-rollbacks/>, 03.09.21

desígnios semelhantes, relacionados à reafirmação de um grupo étnico-histórico ou a delimitação territorial, como fora nos séculos imediatamente antecedentes.

Desse modo, verificou-se que o século XXI está delineando-se por uma conjuntura de ressurgimento de conceitos nacionalistas, contudo estes apresentam uma certa peculiaridade dos elementos prevaletentes na contemporaneidade. Conceitos como o terrorismo e os fundamentalismos religiosos, por vezes, têm trajetória coincidente no que se refere à busca da contestação do *status quo* social e políticos dos países e da ordem em que estão inseridos. A emergência de novos *global players* na seara internacional, mormente os BRICS, impõe também outros conceitos aos desdobramentos do nacionalismo no mundo. Essa conjuntura, que inclui um aumento de protecionismo econômico em cenários como a crise financeira de 2008, traz novos aspectos ao soergimento nacional no século XXI, que incluem uma retórica confrontacionista da ordem multilateral (fundada no pós-SGM), e uma postura crescentemente unilateral, com argumentos econômicos que, em algumas oportunidades, travestem posições discriminatórias diante de fluxos migratórios e de discursos contra a liberdade religiosa. Essa ascensão nacionalista do século XXI tem um momento simbólico, e porque não dizer de síntese do quadro atual, na eleição de Donald Trump em 2016, em que o novo presidente americano passa a defender os interesses de Washington, de forma escancarada, em prejuízo (literal) de qualquer outro país e onde a ordem pós-1945 é apresentada como uma estratégia comunista de domínio global, que oporia a tese liberal-capitalista.

A distinção nessa conjuntura do século XXI era o discurso explicitamente ufanista advindo de uma grande potência: EUA de Trump, uma vez que esse ator da geopolítica global, na maioria das vezes, externava seus interesses em lógicas mais abrangentes, principalmente após a SGM, ao invés das restrições dos conceitos nacionalistas; para Washington, era a gestão global de zonas de influência que prevalecia. Esse aspecto nacionalista explícito parece ter gerado um distanciamento norte-americano de certas contendas internacionais, à medida que o discurso “American First” praticamente inviabiliza a neutralidade de um negociador. Essa conjuntura demonstra certos abalos nas configurações da balança de poder⁷⁷, com novos e velhos atores se sobressaindo em alguns cenários geopolíticos, em um efeito diferente, e porque não dizer inesperado, do nacionalismo. Como ocorreu nos citados exemplos, entre outros: saída

⁷⁷ O modelo que busca seguir Kissinger para estabelecer essas novas relações internacionais, o ideal para onde apontam suas idéias, é a balança de poder que se estabeleceu entre os países europeus que se formavam durante o século XVII e que foi oficializada com o tratado de Westfália. O próprio ideal para onde apontam as idéias do diplomata estadunidense mostram os limites do programa que busca propor em sua obra. Kissinger, *Diplomacy*, 2012)

dos EUA do Acordo de Paris (sob Trump, mas retomado por Biden em 2021), inviabilização da Organização Mundial do Comércio, saída da Parceria Transpacífico, negociação com Taleban para saída do Afeganistão, retirada de tropas na Guerra na Síria, negociações infrutíferas com a Coreia do Norte, demonstração de força contra os chineses no Mar do Sul da China, saída do acordo Nuclear com o Irã, busca de protagonismos nas Rotas do Ártico. Essas medidas nacionalistas ou anti-multilateralismo, como verificou-se, provocaram certo isolamento norte-americano e um impulso nacional interno, contudo com efeitos que não demonstraram grande efetividade, o que se comprova com a não-reeleição de Donald Trump em 2020.

Essas posições ultranacionalistas não são exatamente uma novidade na história norte-americana. A Doutrina do Destino Manifesto⁷⁸ que orientou a marcha expansionista dos americanos no século XIX é símbolo dos anseios da então jovem nação de projetar seus objetivos nacionais sob uma perspectiva bioceânica. Já no século XXI, eventos como o ataque terrorista de 11 de setembro e a crise financeira de 2008 incentivam as posturas de fechamento político e econômico dos países, mormente nos EUA, epicentro desses momentos críticos. Além do cenário interno nos EUA, a ascensão de Donald Trump tem grandes impactos na Balança do Poder Mundial. Mas o que se verifica é que tais posicionamentos, sejam históricos ou hodiernos, tiveram poucos efeitos benéficos ao mundo e aos Estados que os capitaneiam, já que a ordem global de paz necessita de mecanismos de cooperação, mormente em uma conjuntura de globalização e de interdependência política e econômica. Prova disso, foi a reprovação da sociedade norte-americana da postura isolacionista de Trump ao não reelegê-lo em 2020, optando, em sua maioria, no projeto clássico do Partido Democrata de apoio ao multilateralismo e à cooperação, que são instrumentalizados de forma menos confrontacionista para servirem aos interesses nacionais, em uma espécie de nacionalismo cooperativo entre as nações. É o que Joe Biden parece querer viabilizar desde sua eleição.

⁷⁸ No século XIX, a doutrina do destino manifesto (em inglês: *Manifest Destiny*) era uma crença comum entre os habitantes dos Estados Unidos que dizia que os colonizadores americanos deveriam se expandir pela América do Norte. Ela expressa a crença de que o povo americano foi eleito por Deus para civilizar o seu continente. Há três temas comuns no "manifesto": A virtude especial do povo americano e suas instituições; A missão dos Estados Unidos era redimir e refazer o oeste a imagem da América agrária; O destino irresistível para conquistar este dever essencial, com a benção de Deus. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doutrina_do_destino_manifesto, consulta: 01.09.21.

Nesse sentido⁷⁹, a política externa de Biden tem se concentrado em colocar a democracia como base da estratégia americana - enraizado no fato de que a supremacia da democracia está mais ameaçada do que em qualquer outro momento, pela ascensão de posturas ultranacionalistas que, por vezes, desprezam direitos individuais e políticos (Invasão do Capitólio, Leis anti-migração na Europa e anti-LGBT na Hungria, Polônia etc). Considerando que muitas das controversas relações internacionais de Trump foram com os aliados mais próximo dos Estados Unidos, Biden está priorizando consertar essas alianças como escudos em uma falange democrática global. Ele procurou amenizar as disputas diplomáticas e comerciais com a Europa para criar uma frente única mais pragmática contra a Rússia e a China e trabalhou com aliados em Bruxelas para aprimorar e refundar a parceria transatlântica. Verifica-se que o governo presente nos EUA busca uma reestruturação dos pilares multilaterais por percebê-los como valores efetivamente nacionais e mais benéficos tanto interna quanto externamente, à medida que permitem a proeminência norte-americana pelo exemplo de força de poder democrática, o que o credencia, conforme a emergência pós-1945, como grande mediador das quimeras geopolíticas. O nacionalismo é, desse modo, um elemento distintivo que dificulta negociações estatais e inviabiliza solução de conflitos políticos, sociais e econômicos no sistema internacional.

REFERÊNCIAS:

Edição especial da *Foreign Affairs* (*Obama's World: Judging his Foreign Policy Record*, v. 94, n.5, set-out 2015)

Bruce Jones: *Still Ours to Lead: America, Rising Powers, and the Tension between Rivalry and Restraint* (Brookings, 2014)

Robert Singh: *Barack Obama's Post-American Foreign Policy* (Bloomsbury, 2012)

Estevão Martins: *Parcerias almeçadas: política externa, segurança, defesa e história na Europa* (Fino Traço, 2012)

Antonio Carlos Lessa: *A Construção da Europa: a última utopia das relações internacionais* (Ipri, 2003)

Marie-Thérèse Bitsch: *Histoire de la construction européenne de 1945 à nos jours* (Complexe, 2008)

Mehdi Darius Nazemroaya: *The globalization of NATO* (Clarity, 2012)

⁷⁹ Argumentação está na *Foreign Affairs* (2021): <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2021-06-10/world-hasnt-given-america>, <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2021-06-29/emerging-biden-doctrine>, consulta em 03.09.21.

Diego Santos Vieira de Jesus: “Tocada pela primeira vez? Defesa coletiva, gestão de crises e segurança coletiva no novo conceito estratégico da OTAN” (*Conjuntura Austral*, v.6, n. 29, 2015)

Ronald Tiersky e John van Oudenaren: *European Foreign Policies* (Rowman & Littlefield, 2010)

Marcelo P. S. Câmara: *A política externa alemã na República de Berlim* (FUNAG, 2013)

Anderson, Benedict (1983). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso. ISBN 978-0-86091-059-6.

Billig, Michael (1995). *Banal Nationalism*. London: Sage. ISBN 978-0-8039-7525-5.

Delanty, Gerard; Kumar, Krishan, eds. (2006). *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*. London: Sage Publications. ISBN 978-1-4129-0101-7.

Hayes, Carlton J. *The Historical Evolution of Modern Nationalism* (1928) the first major scholarly survey.

Hobsbawm, Eric J. (1992). *Nations and Nationalism Since 1780: Programme, Myth, Reality* (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press. ISBN 978-0-521-43961-9.

James, Paul (1996). *Nation Formation: Towards a Theory of Abstract Community*. London: Sage Publications. ISBN 978-0-7619-5072-1.

James, Paul (2006). *Globalism, Nationalism, Tribalism: Bringing Theory Back In*. London: Sage Publications.

Kohn, Hans. *The Idea of Nationalism: A Study in Its Origins and Background* (1944; 2nd ed. 2005 with introduction by Craig Calhoun). 735 pp; an often-cited classic

Kymlicka, Will (1995). *Multicultural Citizenship: A Liberal Theory of Minority Rights*. Oxford: Clarendon Press. ISBN 978-0-19-827949-5.

Leoussi, Athena S., ed. (2001). *Encyclopedia of Nationalism*. New Brunswick, N.J: Transaction Publishers. ISBN 978-0-7658-0002-2.

Miller, David (1995). *On Nationality*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 978-0-19-828047-7.

Motyl, Alexander, ed. (2001). *Encyclopedia of Nationalism*. San Diego: Academic Press 2 vol. ISBN 978-0-12-227230-1.

Snyder, Louis L. (1990). *Encyclopedia of Nationalism*. New York: Paragon House. ISBN 978-1-55778-167-3.

Jamie Gaskarth: *British Foreign Policy* (Polity, 2013)

- Frédéric Bozo: *La politique étrangère de la France depuis 1945* (Flammarion, 2012)
- Angelo Segrillo: *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do socialismo ao capitalismo* (Prismas, 2014)
- Emb. Roberto Colin: *Rússia: o ressurgimento da grande potência* (Brochura, 2007)
- Alexander Zhebit: “A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?” (RBPI, v. 46, n. 1, 2003)
- André Gustavo de Miranda Pineli Alves (org). *O Renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*(Ipea, 2012)
- Fabiano Mielniczuk: “A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais” (*Conjuntura Austral*, v. 5, n. 23, 2014)
- John Mearsheimer: “Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault” (*Foreign Affairs*, set-out 2014)
- Richard Sakwa: *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands* (IB Tauris, 2015)
- Min. Mauricio Carvalho Lyrio: *A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos* (FUNAG, 2010)
- Alcázar, Alfredo Crespo:** “Los Años de Donald Trump en La Casa Blanca: Escenario Precedente y Repercusiones Posteriores” (Comillas Journal of International Relations | nº 21, 2021)
- Oliveira, Thiago Godoy Gomes/Leite, Lucas Amaral Batista: “O futuro não pertence aos globalistas”: Donald Trump e a instrumentalização política do nacionalismo. (*Conjuntura Austral*, 2021)
- Especial “China rising - strategies and tactics of China's growing presence in the world” (RBPI, v. 57, 2014)
- Especial “China Now” (*Foreign Affairs*, v.94, n.3, mai-jun 2015)
- Henry Kissinger: *Sobre a China* (Objetiva, 2011)
- <http://www.estadao.com.br/>
- <http://www.valor.com.br/>
- <http://www.folha.uol.com.br/>
- <http://economist.com/>
- <http://www.lemonde.fr/>
- <http://brasil.elpais.com/>
- <http://www.bbc.co.uk/portuguese>

www.itamaraty.gov.br

<https://www.youtube.com/user/MREBRASIL>

<http://diplomaciapublica.itamaraty.gov.br/>

Periódicos mais influentes: RBPI, PolíticaExterna, Foreign Policy, Foreign Affairs

Think-tanks brasileiros e estrangeiros: GRRI, IPRI, BRICS Policy Center, CEBRI, NUPRI

Al-Jazeera, RT, Der Spiegel, China Daily